



PERDIDA

# PRÓLOGO

ACORDEI EM UM SOBRESSALTO NAQUELA noite. Um grito preencheu à noite silenciosa e entrou pela porta entre aberta de meu quarto.

Mamãe.

Eu seria capaz de reconhecer seu grito em qualquer situação — até mesmo após ter acabado de acordar. Desci às presas as escadas. Estava escuro e eu não conseguia enxergar nada. Cambaleando de um lado para o outro consegui acender a luz da sala de jantar, mas não havia ninguém.

Onde estava minha mãe? Será que eu estava escutando de mais? Não. Não era possível. O grito foi real. Pude ouvi-la perfeitamente.

Procurei pelos outros cômodos da casa. E nada.

Finalmente ouvi passos do lado de fora, quando fui dar um passo para frente a campainha tocou.

Abafei um grito e fiquei imóvel. Quem poderia ser àquela hora da noite? E o que estava fazendo ali?

Como não houve resposta, a campainha tocou novamente, mas dessa vez caminhei até à porta e destranquei-a.

O vento entrou furioso e tive que fechar os olhos para que não me incomodasse. Um arrepio tomou conta de meu corpo.

Quando abri os olhos não havia ninguém ali. Que brincadeira era aquela? Quem estava fazendo isso? Fechei a porta atrás de mim e me encostei contra ela e foi quando senti algo estranho acontecer com a porta. Ela estava vibrando. Vibrando muito rápido e violentamente como se algo sobrenatural tentasse derrubá-la.

Meu coração gelou. O que estava acontecendo? Afastei-me da porta e encarei-a fixamente. Minhas mãos tremendo. E foi então que do nada, em um piscar de olhos, a porta na minha frente foi arrancada e destroçada. Dei um grito. Percebi que não gritava de medo ou de susto, mas sim porque vi a pior cena da minha vida.

Mamãe.

Mamãe estava ali.

Jogada no chão.

Ensanguenta.

O sangue era visível sobre seu roupão de dormir branco.

Ela estava com os olhos arregalados. Na verdade, um deles. O outro tivera sido arrancado. Mas por quem?

Quem faria tamanha crueldade?

Mamãe estava morta.

De repente tudo começou a girar e a única coisa que me lembro de ouvir antes de desmaiar foi alguém sussurrar a palavra psiu em meus ouvidos, depois disso fui engolida por uma escuridão assustadora.

# Capítulo um

CAMINHEI DE CABEÇA BAIXA PELOS CORREDORES extremamente brancos de minha nova escola até meu armário que ficava bem no fundo.

Era meu primeiro dia de aula na LL SCHOOL— um colégio interno. Não entendi muito bem por que me mandaram pra cá, só me explicaram que eu não podia ficar sozinha após mamãe ter falecido. A partir de hoje eu começaria a morar e a estudar ali.

Já havia se passado dois meses desde que minha mãe morreu. Morávamos sozinhas em uma casa de praia que meu pai há dois anos deixara para nós antes de se partir. Agora os dois estavam juntos novamente. No céu.

Papai morreu de câncer no pulmão.